

Como perder um homem em 10 dias (2003) e a representação da mulher jornalista na comédia romântica¹

Bianca Trevisan Weiss²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Esta pesquisa analisa a representação da mulher jornalista como protagonista de comédia romântica no filme “Como perder um homem em 10 dias” (2003). Com base em conceitos de representação e estereótipo, busca-se compreender parte do contexto da presença das mulheres jornalistas no meio de trabalho e como elas são representadas em filmes de grande circulação. O filme foi analisado utilizando metodologias descritas por Penafria (2009).

PALAVRAS-CHAVE: cinema; estereótipo; representação; comédia romântica; jornalismo.

INTRODUÇÃO

Conforme o cinema foi ganhando espaço, os jornalistas se tornaram um papel recorrente nos filmes, do “jornalista herói” surgido dentro de um contexto de enaltecimento da profissão ao “jornalista vilão” que não mede esforços para conseguir um “furo” de reportagem (Travancas, 2002, p.2). Em contrapartida com esse universo dominado pelo masculino, as mulheres jornalistas na indústria cinematográfica de ficção dominaram áreas como as comédias românticas — também conhecidas como *chick flicks* —, principalmente dos anos 90 ao fim dos anos 2000.

De acordo com Ferriss e Young (2008, p.2), esses filmes são exemplos de que “a mídia reflete e até mesmo molda o complexo posicionamento social das mulheres — com suas contínuas restrições e novas liberdades — e suas aspirações”. Esse modelo de produção cinematográfica foi majoritariamente construído por homens para mulheres. De 1998 a 2022, a presença das mulheres em cargos de roteiro, direção, produção, edição e produção executiva foi de 17% para 24% (Lauzen, 2023), um crescimento oscilante e tímido que segue superado pela presença masculina.

Esta pesquisa procura entender Andie Anderson, personagem principal de “Como perder um homem em 10 dias”, como um exemplo da representação de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Audiovisualidades: comunicação em imaginários sociais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 03 a 05 de julho de 2025.

² Bacharela em Jornalismo (UFPR). E-mail: bia.trevisanweiss@gmail.com

jornalistas mulheres nesse subgênero cinematográfico. Além disso, busca pontos de aproximação e distanciamento entre o estereótipo observado e descrito mais a frente sobre as mulheres no jornalismo.

REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO NO CINEMA

Dentro do estudo da cultura e da construção de seus significados, o conceito de representação social se destaca. Segundo Rocha (2014), as representações sociais estão inseridas num processo coletivo de construção através da linguagem, o indivíduo entra nessa visão quando se apropria de significados (representações sociais) e os interpreta de acordo com seu próprio pensamento (levando em conta aspectos culturais, cognitivos e valorativos). A construção de sentido também acontece por meio de *objetos culturais* ou ainda através de enredos e narrativas que envolvem as práticas do cotidiano (Hall, 2016, p.22). Assim, é possível ver o entretenimento como forma de disseminação de representações, nesse caso abordando o cinema, por exemplo.

Encarando a cultura como o intercâmbio e compartilhamento dos significados dentro de um grupo (Hall, 2016, p.20), é preciso entender o contexto em que esses significados são compartilhados e pontos que afetam a recepção e percepção deles. Isso abre portas para ver a representação como política e, nessa linha, o estereótipo como uma prática representativa que busca sintetizar e resumir o que é visto para algo que já existe na mente do sujeito que está significando aquilo. Como a representação depende de significados compartilhados entre um grupo, nota-se o caráter coletivo da formação de estereótipos. “As formas estereotipadas emprestadas ao mundo não vem somente da arte, no sentido da pintura e escultura, mas de nossos códigos morais e filosofias sociais, assim como de nossas agitações políticas” (Lippmann, 2008, p.86).

Observando estereótipos no qual dois conceitos se opõem, existe um padrão que evidencia algumas relações de poder, nas quais um deles sai em melhor posição que o outro (Hall, 2016). Para o que discutimos, um bom exemplo é o estereótipo dentro do masculino/feminino, sendo possível ver a manutenção de um estereótipo de um suposto “lugar da mulher” em benefício da categoria dominante, os homens.

MULHERES NO JORNALISMO

O processo de inserção das mulheres no jornalismo foi lento e se guiou pelo acesso delas às graduações. Por conta dos estudos das mulheres serem vistos com maus olhos, tê-las como funcionárias era mau visto da mesma forma — assim como o envolvimento delas na política e na luta pelo voto feminino. Assim, elas começaram a se inserir pelas margens, chegando às redações de veículos alternativos, mas nunca na grande imprensa (Amorim, Bueno, 2022).

Desde que elas passaram a assumir cargos de repórteres, um nicho começou a ser moldado ao redor do que seria “assunto de mulher”, confinando as jornalistas a escreverem sobre mulheres e para mulheres sob a chefia de homens. Esse local acabou focado no desenvolvimento de revistas e páginas que se dedicassem a assuntos como relacionamentos, compras, tarefas de casa, tudo o que pudesse parecer uma conversa de “amiga”. “A popularidade das revistas femininas provou que as mulheres eram consumidoras desejáveis. Além disso, produzir material para mulheres requeria a contratação de mulheres que pudesse escrever colunas, peças e páginas com um ‘toque feminino’” (Steiner, 2017, p.3).

Nos dias de hoje a presença feminina em cargos de poder dentro da área da comunicação continua desigual. Segundo uma pesquisa do Instituto Reuters, 40% dos profissionais de jornalismo dos 12 veículos mais expressivos espalhados por cinco continentes são mulheres. Em contrapartida, reforçando alguns dados já apresentados, apenas 24% dos 174 editores chefe dentro dessa amostra são mulheres.

METODOLOGIA

A análise da personagem se baseia nas descrições de análises filmicas de Penafria (2009). Considerando o filme “como o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico” (Penafria, 2009, p.7), a contextualização anterior embasa as observações feitas sobre os estereótipos de mulheres jornalistas. As cenas analisadas dão ênfase no trabalho que ela realiza na revista, fazendo assim a decomposição do filme em sequências ou cenas (Penafria, 2009, p. 8). No quadro abaixo (Quadro 1) estão descritas as principais características a serem observadas na personagem e no filme.

Quadro 1 - Pontos a serem abordados na análise.

Área de observação	Característica observada	Objetivos da análise
Relacionado à fisionomia	São enfatizadas questões relacionadas ao padrão de beleza?	Ver uma possível reiteração do padrão de beleza na personagem.
Relacionado à profissão	Qual tipo de cobertura ela costuma fazer?	Observar se existe um padrão nos assuntos cobertos pela personagem.
	Sofre assédio no ambiente de trabalho?	Entender a representação do ambiente de trabalho.
	Qual cargo ocupa no trabalho?	Observar a presença feminina em cargos de chefia.
	Aborda assuntos mais politizados?	Avaliar a presença de assuntos além do romance.
Relacionado à vida pessoal	Existe relação entre trabalho e romance?	Observar se existe a conexão entre as esferas “trabalho” e “vida amorosa”.
	É destacada a inviabilidade de relacionamento trabalhando no ramo?	Possibilidades de conflito entre vida profissional e pessoal.

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

COMO PERDER UM HOMEM EM 10 DIAS (2003)

O filme “Como Perder um Homem em 10 Dias” (2003) foi dirigido por Donald Petrie, com outros trabalhos nas comédias românticas, e teve o roteiro elaborado por Kristen Buckley e Brian Regan. A trama segue uma jornalista que precisa encontrar alguém para sair em encontros e fazê-lo desistir dela em 10 dias com atitudes estereotipadas de mulheres carentes.

No que diz respeito à *fisionomia* da protagonista, Andie Anderson (interpretada por Kate Hudson) é uma mulher magra, estatura padrão, loira e de cabelo liso, comum para as mulheres que se destacavam na mídia na época (anos 2000). Uma de suas amigas até a descreve como “bonita demais para levar um fora”, o que dá início à trama de Andie desafiar a suposta realidade de que certas atitudes, mesmo vindas da garota mais bonita, conseguiriam afugentar um homem. O filme ainda traz reforços de padrões de beleza com comentários das personagens sobre o peso e aparência, como na cena em que a amiga de Andie pergunta se ela levou um fora por ser “gorda demais”.

Ilustrando o tópico *trabalho*, a sequência traz uma montagem com matérias que Andie fez para a revista em que trabalha, a *Composure Magazine*. Todas giram em torno dos “assuntos femininos” já descritos anteriormente, caracterizando a revista como

“coisa de mulher”. Alguns exemplos de textos que aparecem vinculados ao nome da protagonista são: “Como conseguir um corpo melhor em 5 dias” e “Como escapar de uma multa”. Ao final da sequência, Andie aparece trabalhando numa nova matéria de título “Como trazer a paz ao Tajiquistão”.

Esse encerramento da abertura indica um dos conflitos do filme: Andie está descontente com os temas da revista e deseja uma mudança mais politizada e, como a própria personagem descreve, para “assuntos mais importantes, como política e meio ambiente”. Quando ela verbaliza sua intenção, a ideia é vetada pela chefe, que afirma que “nossa especialidade é moda, tendências, dietas, plásticas e fofocas”, exemplificando as descrições de Steiner (2017) sobre os nichos de cobertura feminina. O ambiente de trabalho aparece brevemente, um local exclusivamente ocupado por mulheres e decorações voltadas para o estereótipo feminino. As colegas de profissão de Andie são mostradas como pessoas fúteis com interesses resumidos aos da revista. Outro ponto interessante são comparações das cenas de sequências de trabalho de Benjamin Barry (Matthew McConaughey), o interesse amoroso da protagonista, e de Andie. Enquanto ela sempre parece estar fofocando com amigas no ambiente de trabalho, as cenas de reuniões no trabalho dele demonstram maior seriedade e um contraste com as de Andie.

O desenvolvimento da *vida pessoal* está mais vinculado ao relacionamento romântico, esse intrinsecamente ligado ao ambiente de trabalho já que a pauta para a coluna de Andie é o que traz a necessidade para ela de experimentar um relacionamento com Ben Barry — “o homem que ela pretende perder em 10 dias”. Dessa forma, o relacionamento está sempre sendo ameaçado pelo trabalho ou vice e versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das cenas ligadas ao trabalho da protagonista Andie Anderson reiteram um padrão de representação de mulheres jornalistas e da própria cobertura feminina como sempre ligada ao entretenimento e assunto considerados fúteis, voltando ao conceito de Steiner (2017) sobre o que seria “assunto de mulher”. Além disso, a própria protagonista estar em busca de áreas que seriam mais sérias deixa claro seu descontentamento com a área que está vinculada — ao menos até a parte final do filme. A representação da mulher jornalista nesse lugar estereotipado quase que imutável é

prejudicial, levando em conta a importância das representações nas mídias para além do meio cinematográfico em si. Apesar de a personagem ter se desvencilhado desse papel que não queria interpretar, no final ela decide sair em busca de trabalho no “jornalismo sério”, mais como a busca de um sonho do que um plano profissional.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, J. L., BUENO, T. O jornalismo como campo de disputa de gênero: uma retrospectiva histórica da inserção da mulher na imprensa. *Revista Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 33, p. 137-158, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/16698>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- FERRIS, S. & YOUNG, M. **Chick Flicks: Contemporary women at the movies**. Oxfordshire: Routledge, 2008.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 249-256, dez. 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 jun. 2024.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LAUZEN, Martha. **Living Archive: The Celluloid Ceiling Documenting 25 Years of Women's Employment in U.S. Films**. SDSU: Center for the Study of Women in Television and Film. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/living-archive-the-celluloid-ceiling-documenting-25-years-of-womens-employment-in-u-s-films/>
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 46–65, 1 mar. 2014.
- STEINER, Linda. **Gender and Journalism**. Oxford Research Encyclopedias, Communication. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.91>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de cinema**. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. MT: Intercom, 2002.